

J. KRISHNAMURTI

A

BELEZA

academia

DA

VIDA

O DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

J. KRISHNAMURTI

A

BELEZA

academia

DA

VIDA

O DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

Tradução

Carlo Corabi

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., 2023
Publicado pela primeira vez no Reino Unido e nos Estados Unidos em 2023
pela Watkins, uma marca da Watkins Media Limited
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Carlo Corabi, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Beauty of Life*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Valquíria Matioli e Ana Laura Valerio
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Steve Cannon/iStock

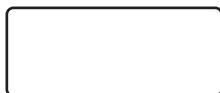
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Krishnamurti, J. (Jiddu), 1895-1986
A beleza da vida / J. Krishnamurti ; tradução de Carlo Corabi. – São
Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
240 p.

ISBN 978-85-422-3656-9
Título original: *The Beauty of Life*

1. Filosofia hindu 2. Vida espiritual 3. Reflexões I. Título II. Corabi, Carlo
25-1779 CDD 181.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia hindu



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

INTRODUÇÃO

7

PREFÁCIO

9

BROCKWOOD PARK

11

ROMA

97

MALIBU

127

OJAI

143

MALIBU

155

GSTAAD

163

BROCKWOOD PARK

215

academia

14 de setembro de 1973

Naquela noite, enquanto caminhávamos pelo campo, percorremos o bosque próximo ao casarão branco. Ao passar pela escada e entrar no bosque, de imediato, sentia-se uma grande sensação de paz e quietude. Nada se movia. Parecia um sacrilégio caminhar por ali, pisar naquele chão; falar era profano – e até mesmo respirar. As imensas sequoias restavam absolutamente em quietude. Os nativos americanos as chamam de seres silenciosos, e de fato agora permaneciam em silêncio. Nem o cachorro perseguia os coelhos. Você, imóvel e mal arriscando respirar, sentia-se um intruso; até então, estava tagarelando e rindo, mas, ao adentrar aquele bosque sem saber o que o aguardava, teve uma surpresa e um impacto – o impacto de uma bênção inesperada. O coração batia mais devagar, sem palavras diante daquela maravilha. Ali, encontrava-se o centro de todo esse lugar. Desde então, cada vez que você entra ali, ocorrem aquela beleza, aquela quietude, um estranho silêncio. Seja qual for o tempo que vier, ele estará ali: rico, pleno e inominável.

Qualquer forma de meditação consciente não é a coisa real; nunca poderá ser. A tentativa deliberada de meditar não é meditação. Ela deve acontecer por si mesma; não pode ser provocada. Meditação não é um entretenimento da mente ou um jogo de desejo e prazer. Toda tentati-

va de meditar é sua negação. Esteja cômico daquilo que está pensando e fazendo, e nada mais. O ver e o escutar já são o próprio fazer, sem qualquer recompensa e punição. A virtude no fazer reside na qualidade do ver e do ouvir. Toda forma de meditação leva inevitavelmente ao engano, à ilusão, pois o desejo impede a visão.

Era uma noite adorável e a luz suave da primavera cobria a terra.



15 de setembro de 1973

É bom estar sozinho. Estar longe do mundo e ainda assim andar por suas ruas é estar só. Estar sozinho, caminhando por uma trilha na montanha, ao lado do riacho ruidoso e agitado, caudaloso, formado pela água da nascente e da neve derretida, é ter a percepção daquela árvore solitária, única em sua beleza. A solidão do homem que anda pelas ruas é a dor da vida; ele nunca está em solidude, apartado, não afetado e vulnerável. Estar repleto de conhecimento é nunca estar em solidude, e a atividade desse conhecimento é geradora de uma dor sem fim. É a expressão que se manifesta, com suas frustrações e dores, naquele homem que caminha pelas ruas; ele jamais se encontra em solidude. A tristeza é o movimento daquela solidão.

Aquele rio nas montanhas estava cheio e volumoso com o derretimento das neves e as chuvas do início da primavera. Era possível ouvir grandes pedras sendo empurradas pela força do avanço das águas. Um pinheiro alto, de 50 anos ou mais, havia tombado na água; a estrada era lavada pelas águas. O rio estava lamacento, com uma coloração de ardósia. Os campos acima se encontravam cheios de flores silvestres. O ar era puro e cheio de encantamento. Nas altas colinas ainda havia neve, e as geleiras e os grandes picos retinham as neves recentes; eles ainda seriam brancos durante todo o verão.

Era uma manhã maravilhosa e poderia se ter caminhado indefinidamente sem nunca sentir as trilhas íngremes da montanha. Existia um perfume no ar, claro e forte. Não havia ninguém naquele caminho descendo ou subindo; permanecia-se sozinho com aqueles pinheiros escuros e as águas correntes. O céu era daquele azul surpreendente que só as montanhas apresentam. Olhava-se através das folhas e dos pinheiros retos. Não havia ninguém com quem conversar, nem aquela tagarelice mental. Uma ave, branca e preta, passou voando e desapareceu na floresta. O caminho se afastava do riacho barulhento e o silêncio era absoluto. Não era o silêncio que se segue ao barulho; não era um silêncio que vem com o pôr do sol, nem aquele silêncio quando a mente morre. Não era aquele silêncio dos museus e das igrejas, mas algo totalmente alheio ao tempo e ao espaço. Não era o silêncio da mente para si mesma. O sol estava quente e as sombras eram agradáveis.

Apenas em seguida se percebeu não haver um único pensamento durante essas longas caminhadas, nas ruas movimentadas ou nos caminhos solitários. Desde menino foi assim: nenhum pensamento lhe passava pela cabeça. Ele observava e escutava, e nada mais. O pensamento, com suas associações, nunca surgiu; não se criavam imagens. Um dia de repente percebeu como aquilo era algo extraordinário; com frequência, tentava pensar, mas nenhum pensamento surgia. Nessas caminhadas, acompanhado ou não, ausentava-se qualquer movimento do pensamento. Isso é estar em solitude.

Sobre os picos nevados formavam-se nuvens, pesadas e escuras; provavelmente choveria mais tarde, mas nesse instante as sombras estavam muito nítidas; e o sol, claro e brilhante. Havia ainda aquele aroma agradável no ar, e as chuvas trariam um perfume diferente. Seria um longo caminho até o chalé.



16 de setembro de 1973

Naquela hora da manhã, as ruas da pequena aldeia estavam vazias, porém, além delas, o campo se encontrava repleto de árvores, prados e brisas sussurrantes. A rua principal estava iluminada e todo o resto permanecia na escuridão. O sol emergiria em cerca de três horas. Era uma manhã clara, ainda com as luzes das estrelas. Os picos nevados e as geleiras ainda estavam na escuridão e quase todos dormiam. As estradas estreitas da montanha tinham tantas curvas que não se poderia ir muito rápido; o carro era novo e estava sendo amaciado. Era um veículo bonito, potente e com linhas perfeitas. Com aquela brisa matinal, o motor funcionava com mais eficiência. Na autoestrada, era uma coisa linda de ver, como subia e contornava cada esquina, firme como uma rocha. O amanhecer estava ali, o formato das árvores e a extensa linha de colinas e vinhedos; seria uma manhã adorável; estava frio e agradável por entre as colinas. O sol já nascera e havia orvalho sobre as folhas e nos prados.

Ele sempre gostou de máquinas; desmontava o motor de um carro e, quando voltava a funcionar, ficava tão bom como se fosse novo. Quando você está dirigindo, a meditação parece ocorrer naturalmente. Você tem consciência do campo, das casas, dos agricultores no campo,

da marca do carro que passa e do céu azul por entre as folhas. Você nem mesmo percebe que a meditação está acontecendo; meditação essa que começou há muito tempo, e permaneceria indefinidamente. O tempo não é um fator na meditação, nem a palavra, que é o meditador. Não existe um meditador na meditação. Se houver, não é meditação. O meditador é a palavra, o pensamento e o tempo, por isso está sujeito a mudanças, a surgir e a desaparecer. Não é uma flor que floresce e morre. O tempo é movimento. Quando se está sentado na margem de um rio, você observa as águas, a correnteza e as coisas que flutuam. Quando você está na água, não há um observador. A beleza não está numa mera expressão; ela está no abandono da palavra e da expressão, da tela e do livro.

Como as colinas, os prados e essas árvores encontram-se em paz: tudo sendo banhado pela luz de uma manhã em movimento. Dois homens discutiam em voz alta, gesticulando bastante, com rostos bem vermelhos. A estrada continuava por uma longa avenida arborizada enquanto a ternura do amanhecer ia desaparecendo. O mar se estendia diante de você, e o perfume dos eucaliptos pairava no ar.

Ele era um homem baixo, magro e musculoso; veio de um país distante, e sua pele era bronzeada pelo sol. Depois de algumas palavras de saudação, ele começou a reclamar. Como é fácil criticar quando não se conhecem os fatos. Ele disse: “Você pode ser livre e viver tudo o que está falando, estou certo disso. Mas, fisicamente,

você está numa prisão, protegido por seus amigos. Você não sabe o que está acontecendo ao seu redor. As pessoas assumiram sua autoridade, embora você mesmo não seja autoritário”.

Não tenho certeza se você está correto nesse assunto. Para administrar uma escola ou algo parecido, deve haver certa responsabilidade, e ela pode existir sem que isso implique um autoritarismo. A autoridade é prejudicial à cooperação, ao diálogo conjunto. Isso é o que está sendo feito em todo o trabalho que estamos desenvolvendo. Esse é um fato real. Se me permite salientar, ninguém se coloca entre mim e o outro.

“O que você está dizendo é de extrema importância. Tudo o que você fala e escreve deveria ser impresso e divulgado pelas pessoas sérias e dedicadas desses pequenos grupos. O mundo está explodindo, e isso passa despercebido por você.”

Receio, mais uma vez, que você não esteja cômico do que esteja acontecendo. Certa vez, um pequeno grupo assumiu a responsabilidade de divulgar o que estava sendo dito, e eles próprios publicaram os discursos. Agora, novamente, um pequeno grupo assumiu a mesma responsabilidade. E, mais uma vez, é preciso que se ressalte, você não está percebendo o que está acontecendo.

Ele fez várias outras críticas, mas todas elas se baseavam em suposições e opiniões passageiras. Sem assumir uma postura defensiva, apontamos para o que estava acontecendo. Mas...

Como os seres humanos são estranhos.

As colinas iam desaparecendo e os ruídos da vida cotidiana nos circundavam, o ir e vir, o prazer e a tristeza. Uma árvore solitária sobre um outeiro traduzia a beleza daquela paisagem. E ao fundo do vale havia um riacho; ao lado, seguia uma ferrovia. É preciso abandonar o mundo para ver a beleza daquele fluir.



17 de setembro de 1973

Naquela tarde, caminhando pela floresta, havia uma sensação de ameaça. O sol estava acabando de se pôr e as palmeiras mostravam-se solitárias, contrastando com o dourado daquele céu do oeste. Na figueira-de-bengala, os macacos se preparavam para a noite. Dificilmente alguém utilizava aquele caminho, e você quase nunca encontrava outro ser humano ali. Havia muitos cervos tímidos e que desapareciam na densa folhagem. No entanto, a ameaça estava ali, pesada e penetrante: ela estava por toda a sua volta, era possível enxergá-la por sobre o ombro. Não havia animais perigosos; eles tinham se mudado dali; era muito perto do vilarejo que vinha se expandindo. Sentia-se uma alegria em sair e caminhar de volta pelas ruas iluminadas. Na noite seguinte, porém, os macacos ainda estavam lá, como também os cervos e o sol, que se encontrava logo atrás das árvores mais altas. A ameaça desaparecera. Agora, pelo contrário, as árvores, os arbustos e as pequenas plantas lhe ofereciam as boas-vindas. Você estava entre amigos; e sentia-se completamente seguro e muito bem-vindo. O bosque o aceitava, e todas as noites era um prazer caminhar por ali.

As florestas são diferentes. Há um perigo físico ali não apenas por causa das cobras, mas também pelos tigres, que eram conhecidos por lá frequentarem. Certa vez, al-

guém caminhava por lá numa tarde, e de repente houve um silêncio anormal; os pássaros pararam de tagarelar, os macacos ficaram quietos e tudo pareceu estar prendendo a respiração. Você permaneceu imóvel. Em seguida, repentinamente, tudo ganhou vida; os macacos voltaram a brincar e a provocar uns aos outros, os pássaros retomaram sua algazarra vespertina e era possível perceber que o perigo tinha passado.

Nas florestas ou nos bosques, onde o homem mata coelhos, faisões e esquilos, existe uma atmosfera muito diferente. Adentra-se um mundo em que o homem esteve com sua arma e sua típica violência. E então a floresta perde a sua ternura, seu senso de boas-vindas, algo de sua beleza se esvai, e aquele sussurro se perde.

Você só tem uma cabeça, cuide dela, pois é uma coisa maravilhosa. Nenhuma máquina nem nenhum computador pode se comparar a ela. É tão vasta e complexa, tão incrivelmente capaz, sutil e produtiva. Ela é o repositório do conhecimento, das experiências e da memória; todo pensamento brota a partir dela. O que foi reunido ali é algo impressionante: travessuras, confusões, tristezas, guerras, corrupção, ilusões, ideais, dores e sofrimento, as magníficas catedrais, as belas mesquitas e os templos sagrados. É fantástico aquilo que a cabeça humana tem feito e o que ainda pode fazer. Contudo, há uma coisa que, aparentemente, ela não pode fazer: mudar, de maneira radical, seu comportamento no seu relacionamento com outra cabeça, com outra pessoa. Nem mesmo a punição ou a recompensa parecem mudar seu comportamento; o conhecimento parece não ser capaz de transformar sua

conduta. O *eu* e o *você* permanecem. Ela nunca percebe que o *eu* é o *você*, que o observador é a coisa observada. Seu amor é sua degeneração; seu prazer é sua agonia; os deuses de seus ideais são seus destruidores. A sua liberdade é a própria prisão, e ela é educada para viver nessa prisão, preocupando-se apenas em torná-la mais confortável, mais prazerosa. Você só tem uma cabeça: cuide dela, não a destrua. É tão fácil envenená-la.

Ele sempre teve essa estranha falta de distanciamento entre ele mesmo e as árvores, os rios e as montanhas. Isso não era algo cultivado; não se pode cultivar uma coisa dessas. Nunca houve uma separação entre ele e o outro. O que fizeram a ele, o que disseram a ele, nunca pareceu feri-lo; nem mesmo a bajulação o afetava. De algum modo, nada o tocava. Ele não era retraído ou indiferente, mas como as águas de um rio que flui. Ele tinha tão poucos pensamentos; e nenhum pensamento quando se encontrava sozinho. Seu cérebro ficava ativo ao falar ou escrever; caso contrário, permanecia quieto e ativo, sem movimento. Movimento é tempo, e atividade não é.

Essa estranha atividade, sem direcionamento, parecia continuar o tempo todo, quer no sono, quer na vigília. Com frequência, ele desperta com essa atividade da meditação; algo dessa natureza está acontecendo na maior parte do tempo. Ele nunca a rejeita ou a convida. Certa noite, ele acordou e ficou completamente desperto. Ele se deu conta de que algo como uma bola de fogo, de luz, estava sendo colocado em sua cabeça, bem no centro dela. Ele observou isso com rigor por um tempo considerável,

como se aquilo estivesse acontecendo a outra pessoa.
Não era uma ilusão, algo evocado pela mente.

O amanhecer estava se aproximando, e pela abertura
nas cortinas ele podia ver as árvores.



18 de setembro de 1973

Ainda é um dos vales mais lindos. É rodeado por colinas e repleto de laranjais. Muitos anos atrás, havia poucas casas entre as árvores e pomares, mas agora existe muito mais; as estradas são mais largas, há mais tráfego e mais barulho, especialmente na extremidade oeste do vale. No entanto, as colinas e os picos altos permanecem os mesmos, intocados pelo homem. Há muitas trilhas que levam às partes altas das montanhas, e infindáveis caminhadas eram ali realizadas. Ursos, cascavéis, cervos e até mesmo um lince foram encontrados pelo caminho. O lince estava à frente, descendo a trilha estreita, ronronando e esfregando-se contra as pedras e os troncos curtos das árvores. A brisa desviava-se pelo cânion e então era possível chegar bem perto dele. Ele realmente se divertia e se deleitava em seu mundo. Sua cauda curta estava levantada, suas orelhas pontudas para a frente, seu pelo ruivo brilhante e limpo. Ele não tinha a mínima consciência de que alguém estava logo atrás dele, cerca de seis metros de distância. Descemos a trilha por cerca de 1.600 metros, nenhum de nós fazendo o menor som. Era mesmo um animal lindo, alegre e gracioso. Havia um riacho estreito à nossa frente e, não querendo assustá-lo quando chegássemos, alguém sussurrou uma saudação gentil. Ele nem sequer olhou para trás, o que teria sido um desperdício

de tempo. Apenas saiu disparado, desaparecendo completamente em questão de segundos. Muito embora nós fôssemos amigos por um tempo considerável.

O vale está impregnado com o aroma da flor de laranjeira, quase insuportável, sobretudo nas primeiras horas da manhã e à noite. O perfume estava no quarto, no vale e em todos os cantos da terra, e a divindade das flores abençoava todo o vale. O verão seria muito quente, e isso tinha a própria peculiaridade. Havia muitos anos, quando se visitava o local, existia uma atmosfera maravilhosa; ela ainda permanece lá, mas em menor grau. Os seres humanos estão danificando essa atmosfera, do mesmo modo como estragam a maioria das coisas. Mas voltará a ser como antes. Uma flor pode murchar e morrer, porém retornará com sua beleza.

Você já se perguntou por que os seres humanos cometem erros, tornam-se corruptos, imorais em seu comportamento – violentos, furiosos e ardilosos? Não adianta culpar o ambiente, a cultura ou os pais. Queremos colocar a responsabilidade por essa degeneração nos outros ou em algum acontecimento. Explicações e causas são uma saída fácil. Os antigos hindus chamavam isso de carma, você colhe o que você planta. Os psicólogos colocam o problema no colo dos pais. Já o que as pessoas chamadas religiosas dizem baseia-se em seus dogmas e crenças. No entanto, a questão permanece em aberto.

Por sua vez, há os que nascem generosos, amáveis, responsáveis. Eles não são afetados pelo ambiente ou por nenhum tipo de pressão. Permanecem os mesmos apesar de toda insistência por não o ser. Por quê?

Qualquer explicação tem pouca importância. Todas as explicações são fugas, evitando a realidade daquilo *que é*. Isso é a única coisa que importa. O *que é* pode ser completamente transformado com a energia desperdiçada em explicações e na busca por causas. O amor não se encontra no tempo nem por meio de análises, não está no arrependimento nem em recriminações. O amor presencia-se quando o eu enganoso e astuto e o desejo por dinheiro e posição não estão presentes.

